

Título:	BARREIRAS INVISÍVEIS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE EM RELAÇÃO AO CUIDADO À CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA		
Autores:	Wesley Warken Kolling Júlia Bagatini Santos Thaise Ferrari Douglas Weber Camila Dupont Camilo Darsie		
Área	<input type="checkbox"/> Humanas <input type="checkbox"/> Sociais Aplicadas <input checked="" type="checkbox"/> Biológicas e da Saúde <input type="checkbox"/> Exatas, da Terra e Engenharias	Dimensão:	<input type="checkbox"/> Ensino <input type="checkbox"/> Pesquisa <input checked="" type="checkbox"/> Extensão <input type="checkbox"/> Inovação
<p>Resumo:</p> <p>Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits na comunicação e interação social, além de comportamentos repetitivos, hiperfocos e seletividade alimentar. Suas manifestações emergem nos primeiros anos de vida e influenciam as relações da criança com familiares e cuidadores. Apesar do aumento da prevalência, o diagnóstico precoce ainda é um desafio no Brasil, agravado por falhas da rede pública e pela desarticulação entre os níveis de atenção. A Atenção Primária à Saúde (APS), que deveria garantir acesso, integralidade e longitudinalidade, mostra-se distante dessa realidade, marcada por limitações na capacitação profissional, falta de recursos adaptados e vínculos frágeis com as famílias. Objetivos: Analisar a atuação da APS no cuidado à criança com TEA, a partir de uma revisão sistemática da literatura, destacando barreiras, dificuldades e possibilidades de qualificação do cuidado. Metodologia: Revisão sistemática de literatura conduzida conforme o protocolo PRISMA. Foram realizadas buscas nas bases LILACS e Medline (PubMed), utilizando os descritores “Autismo”, “Transtorno do Espectro Autista” e “Atenção Primária à Saúde”. Incluíram-se artigos originais, qualitativos, quantitativos ou mistos, publicados entre 2015 e 2025, em português ou inglês. Foram excluídas revisões, teses, editoriais, capítulos de livros e resumos de eventos. A busca inicial identificou 48 estudos, dos quais apenas 5 compuseram a amostra final. Principais Resultados: Os estudos apontaram insatisfação das mães com o atendimento ofertado na APS, devido à falta de preparo dos profissionais, dificuldade de acesso a especialistas e ausência de apoio psicossocial. Também foram relatados acolhimento insuficiente, falhas na comunicação com profissionais e descontinuidade do cuidado. Pesquisas mostraram conhecimento limitado dos médicos e enfermeiros sobre sinais precoces, critérios diagnósticos e fluxos de encaminhamento, o que retarda diagnósticos e compromete o acompanhamento. Na odontologia, constatou-se negligência, ausência de protocolos específicos e despreparo dos cirurgiões-dentistas, evidenciando a necessidade de abordagens</p>			



bioéticas sensíveis às particularidades do TEA. Além disso, verificou-se que o contato das equipes com crianças autistas ocorre de forma pontual, geralmente em consultas de rotina ou vacinação, sem garantir acompanhamento contínuo. Essa realidade contribui para a sobrecarga materna e reforça a percepção de negligência institucional. **Conclusões:** Embora a APS seja estratégica para a detecção precoce e o cuidado contínuo das crianças com TEA, ela ainda apresenta limitações significativas. Persistem lacunas no preparo técnico, na definição de protocolos e na articulação interprofissional, dificultando a integralidade da assistência. Torna-se urgente investir em capacitação permanente, criação de protocolos clínicos e fortalecimento das redes de apoio, a fim de construir uma APS inclusiva, equitativa e humanizada, capaz de colocar as singularidades das crianças autistas e de suas famílias no centro do cuidado.

Link do Vídeo:

https://drive.google.com/file/d/1HGk3vseolSW__uA5M0l5GyFgA0gSAwNj/view?usp=sharing